

12-2002

A Missão nas fronteiras e as fronteiras da missão

Pierre Shouver

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Shouver, P. (2002). A Missão nas fronteiras e as fronteiras da missão. *Missão Espiritana*, 2 (2). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol2/iss2/9>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

a missão nas fronteiras e as fronteiras da missão

“Uma das grandes mudanças resulta daquilo mesmo que a missão fez: as Igrejas locais foram fundadas (...) De repente, os caminhos da missão, outrora de sentido único, se confundem. Os envios em Missão na nossa Congregação vão agora em todas as direcções (...) No Norte como no Sul do planeta, o turbilhão das mudanças aceleradas pede outra coisa que não só uma estratégia de envio de pessoal missionário.”

Há anos, no momento em que voltava para África depois dumas férias, uma tia, com mais de 80 anos de idade, perguntava-me: “Mas, afinal, o que fazes lá?”. Ela sabia que eu partia novamente para continuar o meu trabalho missionário. Dava-me sempre dinheiro para as Missões. Mas se lhe dissesse que ia para pregar e baptizar, ficaria desolada. Conhecendo-a, sabia que ela queria que lhe dissesse simples e concretamente a razão do meu compromisso missionário. A minha tia não era revolucionária, continuava a ajudar a missão, mas não via claro.

Para um observador superficial, a grande aventura da missão parece estar a chegar ao seu termo. No início dos anos 70, um jornalista escrevia: “A Missão? Uma bela página que o vento da história vira!”. Desde há séculos que os missionários partiam para levar o Evangelho aos países que ainda o não tinham recebido. Esses países eram também menos desenvolvidos economicamente que a Europa. Tinham, por vezes, sido conquistados, explorados e mesmo reduzidos à escravidão pelos países ditos cristãos. Também a missão da evangelização assumia, como testemunho concreto, o serviço das populações desfavorecidas e a sua defesa contra aqueles que as oprimiam (cf. Regulamentos de Libermann, 1849). A missão evocava a partida para o estrangeiro, em longas e perigosas viagens, muitas vezes por mar, em direcção à África, à Ásia, à Oceânia e a certas regiões da América do Sul.

Esta aventura generosa, mesmo heróica, pode parecer terminada. O Evangelho parece ter chegado a todos os continentes; ao menos àqueles

*“Mas, afinal,
o que fazes lá?”*

* Missionário Espiritano. Francês. Actual Superior Geral da Congregação.

que aceitavam acolhê-lo. Os países de origem dos missionários não mais parecem interessados em tal empreendimento. Este é considerado, por muitos, como um proselitismo que o espírito moderno não aceita mais. Num encontro de diálogo inter-religioso, o ano passado, em Barcelona, perguntei o que pensavam os líderes religiosos presentes das conversões, no sentido de passagem de uma religião a outra. Ao sentir o silêncio que se seguiu, tive a impressão de ter criado um mal-estar. As religiões aceitam mal uma evangelização que vise a conversão à Igreja Católica.

A missão está a morrer? Não está ligada a uma situação cultural e religiosa do passado?

Uma revolução ainda em gestação

O desafio da anunciada morte da missão foi posto em destaque. É visível que ela tem mudado muito e não só de cosmética – como a senhora que já se não reconhece à saída do salão de cabeleireiro. Uma das grandes mudanças resulta daquilo mesmo que a missão fez: as Igrejas locais foram fundadas, o número dos cristãos, de padres, religiosos, religiosas e de leigos comprometidos aumenta. Ao mesmo tempo, nos países do Norte os “praticantes” diminuem, tal como as vocações ao ministério da igreja ou à vida consagrada. De repente, os caminhos da missão, outrora de sentido único, se confundem. Os envios em Missão na nossa Congregação vão agora em todas as direções: Nigerianos partem para Taiwan e para as Filipinas, Tanzanianos para a Alemanha e para a França, Malgaches para a Papuásia, Mauricianos para o Paquistão, Congolese para o Brasil, Brasileiros para o Senegal, um Australiano para o Quênia. Alguns destes jovens Espiritanos de África vêm em ajuda das Igrejas da Europa. Trata-se de uma simples inversão do movimento, de um fenómeno cíclico ou dialético? O desafio de hoje convida-nos a ir mais ao fundo das coisas.

De algum modo, levamos aos outros continentes uma Igreja pré-fabricada, já constituída nos seus elementos fundamentais e, por isso, em boa parte estrangeira. Como escrevia um teólogo camaronês, *“a Igreja foi transposta para os países novos um pouco como os ricos americanos que fazem desmontar os velhos castelos da França para os reconstruir, pedra a pedra, nas margens do Potomac (rio que passa em Washington)”*. Após o tempo dos pioneiros, os missionários implantaram, pouco a pouco, as estruturas e o tipo de vida cristã da sua Igreja de origem e isso apesar de toda a sua abertura à população local. Mesmo na Europa, a Igreja, herdeira do passado, parece estrangeira. *“A minha mãe é uma princesa longínqua”*, cantavam os “prêtres ouvriers” franceses nos anos 50, visando a sua Igreja.

Com efeito, no Norte como no Sul do planeta, o turbilhão das mudanças aceleradas pede outra coisa que não só uma estratégia de envio de pessoal missionário. Uma revolução mais profunda da missão parece estar em gestação um pouco por toda a parte. Ela toca a substância das coisas e releva o Espírito criador, do qual procuramos descobrir os sinais e seguir a inspiração. Os nossos últimos Capítulos deram um lugar de relevo às experiências missionárias de hoje, para as interpretar: *“Para onde nos*

Uma revolução mais profunda da missão parece estar em gestação um pouco por toda a parte. Ela toca a substância das coisas e releva o Espírito criador, do qual procuramos descobrir os sinais e seguir a inspiração

conduz o Espírito?" Não temos soluções feitas. Nós próprios somos levados pela tempestade, nos nossos Institutos, nas nossas comunidades e na nossa psicologia. Não estamos sobre um outro planeta para estudar tranquilamente as diversas correntes e planificar estratégias. Descobrimos, pouco a pouco, o sentido da Missão, que é novo e também mais próximo da tradição cristã original. Para reencontrar no turbilhão das mudanças uma visão autêntica da Missão e das suas fronteiras, fazamos um breve regresso às origens.

A perspectiva dos Actos dos Apóstolos

Os Apóstolos estavam reunidos e puseram a Jesus esta questão: "Senhor, é agora o tempo em que vais restaurar o Reino de Israel?" Ele respondeu-lhes: "Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com o seu poder; mas ides receber um poder, aquele do Espírito Santo que virá sobre vós – sereis então minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra". (Act. 1,6-8).

Como sublinha uma nota da Tradução Ecuménica da Bíblia (TOB), na questão dos Apóstolos "exprime-se a esperança judia voltada para uma realização imediata centrada sobre Israel, expressa em termos da restauração nacional ... A resposta de Jesus (vv. 7 e 8) abre de uma só vez o tempo e o espaço do testemunho apostólico; o plano e o sentido do livro dos Actos estão aí condensados".

O texto dos Actos e o breve comentário da TOB podem servir-nos de referência para um discernimento cristão da missão neste tempo em que a geografia e a "estratégia" da missão foram alteradas.

A missão consiste em ser testemunhas de Cristo morto e ressuscitado. Subtraído ao nosso olhar, Jesus não cessa de estar presente nas comunidades cristãs e acompanha os missionários. Estes falam com ele no seu coração ao mesmo tempo que se dirigem progressivamente a novos povos. Assim, Cristo não é somente aquele de quem falam. É ele que fala através deles. É nele que crêem os ouvintes e não mais somente por causa dos dizeres dos missionários (cf Jo. 4, 42). O Pai fixa os tempos e os momentos, as etapas do itinerário. Não temos que conhecê-los antecipadamente e fora desta experiência teologal da missão. Isso não nos pertence. Mas para ser testemunha, recebemos um poder, aquele do Espírito Santo que vem sobre nós. Com o seu poder, passaremos as fronteiras em tempo oportuno.

Os caminhos da missão são uma aventura aberta. O dinamismo do testemunho é o da fecundidade viva com a sua parte de imprevisto. Não é o da clonagem, da fotocópia, da restauração. A garantia da autenticidade é, finalmente, a dos frutos da missão que aparecem sem que possamos fixar os momentos e os lugares. A missão realça o mistério de Cristo. Como disse o nosso penúltimo Capítulo, ela "é espiritualidade e não estratégia". Quais são então as Fronteiras a ultrapassar e, se somos sempre chamados a levar o Evangelho até às extremidades da terra (Act.1,8), onde está daqui em diante o horizonte?

Dizer que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma missão específica "ad gentes"; do mesmo modo, dizer que todos os católicos devem ser missionários não exclui, mas ao contrário pede, que haja missionários ad gentes e por toda a vida, através duma vocação específica

A particularidade da missão ad gentes vem do facto de ela se dirigir a não cristãos

Pontos de referência dados pelos documentos recentes da Igreja

O Magistério da Igreja precisou o sentido da missão nas fronteiras. A Constituição *Lumen Gentium* do Vaticano II podia parecer também virar a bela página da missão quando declara que "toda a Igreja é missionária". Os missionários dirigiram-se ao Concílio, como um só homem, contra tal interpretação. O Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja (*Ad Gentes*) defende a permanência desta missão específica. A Encíclica *Redemptoris Missio* retoma e clarifica o debate. Eis algumas citações:

"Dizer que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma missão específica "ad gentes"; do mesmo modo, dizer que todos os católicos devem ser missionários não exclui, mas ao contrário pede, que haja missionários *ad gentes* e por toda a vida, através duma vocação específica" (RM 32).

"Considerando o mundo de hoje sob o ponto de vista da evangelização, podemos distinguir três situações:

- aquela à qual se dirige a actividade missionária;
- aquela onde existem comunidades cristãs fortes e adaptadas;
- aquela intermediária onde existem grupos inteiros de baptizados que perderam o sentido da fé viva" (RM 34).

A particularidade da missão *ad gentes* vem do facto de ela se dirigir a não cristãos. É necessário que não se dilua na missão geral, nem que se esqueça, mesmo que não haja fronteiras claras entre o encargo pastoral dos fiéis, a nova evangelização e a actividade missionária específica. É necessário permanecer em tensão para o anúncio do evangelho e a fundação de novas Igrejas... (RM 34).

Diante dos novos desafios, uma perspectiva aberta

O P. Henry Koren sublinha em Libermann a abertura à novidade. Na origem desse facto, segundo ele, está o seu âmago judeu. De acordo com a visão bíblica, Deus não criou apenas na origem. Continua a criar ao longo da história humana e fala-nos através dos sinais dos tempos. (Koren, *Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History*, Spiritus Press, Bethel Park, PA, 1990). Libermann convida-nos a ter confiança na experiência concreta e a deixar-nos guiar pelo Espírito. Fez com que os seus contemporâneos estivessem atentos às mudanças profundas da sociedade. Convidou-os a compromissos pertinentes com as novas fronteiras do seu tempo: "O mal do clero, nestes últimos tempos, foi que ficou sempre na ideia do passado. O mundo caminhou em frente e o homem hostil assestou as baterias de acordo com o estado e o espírito do século e nós ficámos para trás. É necessário que os sigamos, permanecendo no espírito do Evangelho e que façamos o bem combatendo o mal no estado e no espírito em que o século se encontra" (N D 151, 1848).

As fronteiras e o horizonte da missão não são determinadas principalmente pela geografia nem pelas raças. Segundo a *Redemptoris Missio*, as fronteiras da missão *ad gentes* são os "povos, os grupos humanos e os

contextos socioculturais nos quais Cristo e o seu Evangelho não são ainda conhecidos ou nos quais não existem comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poder incarnar a fé no seu meio e anunciá-la a outros grupos".

As fronteiras são constituídas, de um lado, por essas pessoas e grupos humanos que ainda não receberam o Evangelho; e por outro lado, pela presença de testemunhas e pela qualidade do testemunho de uma comunidade que torna o Evangelho próximo (cf. o sentido da missão espiritana de hoje – Maynooth 1998, d 2). A missão nas fronteiras constitui um avanço, quer para os ouvintes, quer para os mensageiros do Evangelho. Ela opera no movimento geral da sociedade que não é somente o "décor" da nossa vida, mas que nos afecta profundamente a que procuremos inflectir no sentido do amor. Assim, tomam corpo as diferentes situações-Fronteira, da nossa missão espiritana.

Traços (movimentos) dominantes do mundo actual

A conferência de Bandung, em 1955, fez emergir na cena mundial a **diversidade de povos livres e responsáveis, todos iguais**. Às testemunhas do Evangelho são, daqui em diante, postos os desafios de não mais pôr em curto-circuito as diferenças, e de comunicar, respeitando a cultura e a liberdade dos outros. Como missionários, não temos o direito de nos impor com a nossa cultura nem de assimilar os outros. Vivemos isso no interior do nosso Instituto.

As **sociedades secularizadas** têm posto em questão a autoridade religiosa e têm conduzido os cristãos à dúvida e ao abandono. Também elas nos podem abrir um caminho a uma mais profunda autenticidade. Os cristãos encontram uma nova maneira de viver a sua fé. Esta apoia-se mais sobre a sua experiência que eles aprendem a interpretar de acordo com o Evangelho. Neste contexto, a palavra anunciada apoia-se antes de mais sobre a autoridade do testemunho. "O homem moderno escuta de melhor boa vontade as testemunhas que os mestres" (Paulo VI, Evang. Nunt. 42).

A **vida do mundo é dominada pela economia neo-liberal unificada a nível mundial**. Os média, em progresso sempre acelerado, fizeram do mundo uma grande aldeia. Nisso podemos reconhecer uma oportunidade extraordinária de comunicação e de colaboração, também para a Boa Nova. Mas os média e o mercado contribuem para criar uma sociedade dominada pelo dinheiro, o poder e a competição. As pessoas tornam-se mais rápidas e eficazes, mas também mais superficiais. A globalização arrasta à degradação da natureza. Mesmo se gera mais riqueza, favorece sempre os mais fortes. Este contexto mundial dá uma outra dimensão ao serviço e à defesa dos mais pobres, parte essencial da missão.

Todas estas evoluções afectam as relações humanas e criam conflitos. Muitos laços humanos da sociedade tradicional foram perdidos. Nas novas inserções, as relações humanas tornam-se muitas vezes de menor qualidade, as pessoas vivem por vezes sós e stressadas. Os conflitos nascem e renascem. As migrações económicas juntam-se aqueles que fogem das guerras...

As fronteiras da missão ad gentes são os "povos, os grupos humanos e os contextos socioculturais nos quais Cristo e o seu Evangelho não são ainda conhecidos ou nos quais não existem comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poder incarnar a fé no seu meio e anunciá-la a outros grupos

O homem moderno escuta de melhor boa vontade as testemunhas que os mestres

Horizonte da missão de hoje

A missão no sentido específico visa levar a luz e a força do Evangelho até aos confins e ao mais profundo da humanidade que hoje se constrói. Podem-se esboçar diversos aspectos dos dinamismos do mundo actual.

A humanidade adquiriu um novo domínio sobre a natureza e sobre ela própria através das diferentes ciências e técnicas. Mas, faz de aprendiz de feiticeiro e utiliza muitas vezes a sua superioridade para degradar a natureza e dominar os outros, açambarcando as riquezas.

Tomou consciência e fez a experiência (até ao excesso) da sua liberdade singular, dos direitos de cada ser humano. Pode, assim, fazer uma procura mais pessoal dos caminhos da verdade, do amor e da procura de Deus. Mas tem a tendência, também, de se tornar mais individualista e *de se julgar Deus*.

Os homens e as mulheres deram-se a si mesmos os meios para unificar o mundo, pelos meios de comunicação físicos e sociais e também pela globalização económica e financeira. Mas, depois que aprenderam a medir o mundo, não sabem mais medir-se a si próprios (Husserl).

Cristãos e missionários, vemos diante de nós como que toda a humanidade de hoje, que um universo radioso se pode abrir para todos nós. Mas, julgamos com todo o coração e com toda a nossa experiência de fé, que é pelo testemunho vivo do Evangelho que nos aproximaremos deste horizonte.

Novas fronteiras da missão

O horizonte do mundo actual dá sentido **ao compromisso pela justiça e pela paz**. Para além das intervenções particulares, trata-se de procurar qual é a origem do empobrecimento contínuo de metade da humanidade, da exclusão e da violência. A este nível, a acção não pode ser senão a longo termo e a grande escala. As nossas novas Fronteiras são aquelas que for necessário abrir para ir ao encontro dos pobres: as gentes dum bairro de lata, os meninos da rua, os tóxico-dependentes, as vítimas da SIDA, as populações rurais abandonadas, os jovens sem trabalho ...

Temos de passar as fronteiras culturais para irmos, verdadeiramente, junto dos Massai, dos Borana, dos Hamer, dos Pokot, Pigmeus, Bassari, Mandjacos, Bassa, Marwaris, Melanésios, Guarani, Huastecos e Nahuatl... Além disso, estamos longe de ter levado o Evangelho ao interior das culturas, aí onde a Igreja está estabelecida desde há muito tempo. As fronteiras culturais são ainda pertinentes (cf. América latina depois de 500 anos de evangelização). Em nome dos desafios actuais, permanecemos fiéis à nossa tradição missionária de aprender as línguas locais e de nos enraizarmos no meio do povo. Não nos deixamos impressionar demasiado pelos sucessos. Uma evangelização rápida, para ocupar terreno, pode ser varrida pela primeira tempestade. Quando trabalhamos com as pessoas a partir da sua experiência, sentimo-nos no bom caminho. Não procuramos ansiosamente uma eficácia imediata. Acreditamos na fecundidade lenta e duradoira do testemunho de comunidades inspiradas pelo Evangelho.

Mas, depois que aprenderam a medir o mundo, não sabem mais medir-se a si próprios (Husserl)

O horizonte do mundo actual dá sentido ao compromisso pela justiça e pela paz

Procuramos passar as fronteiras do 'mundo secularizado'. Encontramos pessoas que têm fome e sede de alimento espiritual. Ajudamos os leigos a formarem-se para um compromisso cristão na sociedade. É bom fazer a experiência da primeira evangelização indo ao encontro das pessoas e reconhecendo, nas suas experiências, a presença de Deus. Isso vale igualmente para aqueles que, na educação e no ministério, procuram ir ao encontro da cultura dos jovens.

A missão torna-se presença prolongada e diálogo de vida. Estamos habituados a que, o anúncio do Evangelho se traduza em entradas na comunidade cristã. Hoje, em certas situações, não há mais batismos. Mas as pessoas, em contacto com as testemunhas do evangelho, aprofundam o seu sentido religioso, tornam-se mais livres e comprometem-se no serviço dos pobres. A linha da frente da missão actual é muitas vezes o lugar de encontro de múltiplas generosidades, para lá das fronteiras de pertença. Diante da fraqueza, a urgência, o perigo, as nossas diferenças não são desfeitas, mas relativizadas. Sentimos que estamos com os outros ao nível onde o amor de Deus liberta e reúne.

Enfim, fixamo-nos **sempre e ainda, em novas fronteiras geográficas** ao partir, para Moçambique, Taiwan, as Filipinas, a Bolívia, as Seicheles e o Benin. Nos apelos que estão na linha da nossa vocação vemos uma fonte de enriquecimento espiritual para o nosso Instituto.

Uma fronteira a passar na nossa própria vida

Se queremos ser fiéis à nossa vocação, um discernimento e uma conversão são necessárias. Trata-se de estar presente na sociedade actual e ao mesmo tempo guardar o contacto com Aquele que é a nossa origem, singular e universal. É um dos grandes ganhos da formação contínua. A missão, é igualmente, um lugar de renovação. Os pobres, as pessoas de culturas e religiões diferentes ajudam-nos a ser cristãos mais profundos. Somos chamados, também, a uma maior abertura aos nossos confrades nas nossas comunidades muitas vezes internacionais e inter-culturais. O movimento para os outros faz-nos passar uma fronteira em nós mesmos, que é uma espécie de morte e ressurreição.

Hoje, em certas situações, não há mais batismos. Mas as pessoas, em contacto com as testemunhas do evangelho, aprofundam o seu sentido religioso, tornam-se mais livres e comprometem-se no serviço dos pobres

Os pobres, as pessoas de culturas e religiões diferentes ajudam-nos a ser cristãos mais profundos

